

## REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO FILOSÓFICO E SUAS IMPLICAÇÕES GNOSIOLÓGICAS

1 — Fala-se muito de «investigação» no campo das ciências experimentais; menos no campo da Matemática e da Filosofia. Contudo, se «investigar» é buscar a verdade, a investigação é própria de qualquer ciência que pretende ir no alcance da verdade. Nem todas porém, o fazem do mesmo modo; cada qual tem a sua metódica interna própria que a caracteriza precisamente como *determinada* ciência; é desta metódica interna que brota a índole própria da investigação, ou seja, o seu âmbito e o poder de acesso à verdade, o seu carácter gnosiológico.

Sobre este ponto queremos fazer agora apenas algumas breves considerações que sirvam de núcleo de reflexão a um desenvolvimento maior que posteriormente muito desejaríamos empreender.

2 — Como ponto de partida básico para diferenciarmos a investigação filosófica da experimental e da matemática, afigura-se-nos imprescindível salientar um facto concreto fornecido pela análise psicológica: o dinamismo essencialmente dualista do nosso processo cognoscitivo. Isto é: as ideias, pelas quais conhecemos e sem as quais nada podemos conhecer, encerram essencialmente uma «representação» e uma «significação».

Pela *representação*, as ideias implicam uma imagem que só pode referir-se directamente a um objecto sensível.

Pela *significação*, que é o elemento decisivo do conhecimento, as ideias adquirem um sentido pelo qual tomamos consciência do objecto enquanto conhecido.

3 — No âmbito das ciências experimentais, as nossas ideias representam e significam *a mesma* coisa exterior. Dá-se, pois, uma convergência da representação e da significação para o mesmo objecto. No entanto, a coisa representada (coisa em si) distingue-se da representação (imagem). Esta distinção explica a possibilidade do *erro* no sentido próprio da palavra: basta atribuir a uma representação a referência a qualquer coisa que de facto não é, porque uma representação se formou por um processo da pura faculdade imaginativa, ou porque se lhe conferiu um dinamismo significativo que não converge para o mesmo objecto. No entanto, também é verdade que o erro pode ser eliminado com relativa facilidade: basta aplicar melhor os sentidos, ainda que seja preciso recorrer a instrumentos ou a processos indirectos que excluam os perigos de ilusão que podem contaminar a observação. E estes recursos, ampliáveis quer pelo aperfeiçoamento técnico quer pelo desenvolvimento matemático, proporcionam um avanço privilegiadamente notório, e por vezes rápido, das ciências físicas ou experimentais.

4 — Na Matemática, a ideia representa e significa também a mesma coisa, mas não do mesmo modo que na Física. Verifica-se, com efeito, esta diferença particular: a coisa representada (que aqui já não é exterior) coincide com a representação. Daqui o carácter privilegiado da evidência matemática; e este privilégio é tão grande que na Matemática, se é possível haver *enganos*, já não pode haver *erros* no sentido rigoroso da palavra. Basta rever o cálculo para descobrir o engano. Não admira pois que nesta ciência seja impressionante a ausência da diversidade de opiniões e que ela se apresente como protótipo tentador da evidência de qualquer outra ciência, como foi patente em Descartes, em Leibniz, em Husserl. Nela, a imaginação desempenha o seu papel que fundamenta, por exemplo, a diversidade

das geometrias desenvolvidas independentemente da experiência, embora aplicáveis a ela. O seu processo já não depende essencialmente de verificação sensível, está para além dum maior ou menor aperfeiçoamento da observação; por isso também o seu progresso é mais genial, embora sem dúvida mais difícil, e, portanto, geralmente menos rápido.

5 — Na filosofia deparamo-nos com esta singularidade: A ideia representa uma coisa e significa outra. A coisa representada continua a ser do âmbito da sensibilidade e imprescindível; mas, através dela, insere-se um dinamismo significativo que atinge implicações metempíricas da representação, referindo-se a um objecto que transcende o campo da mera sensibilidade. Como tal, este conhecimento é um pressuposto essencial de qualquer outro — portanto também da Física e da Matemática — pois a representação, implicada em todo o nosso processo cognoscitivo, verifica-se sempre como em concreto é: — com todas as suas implicações. Mas só a Filosofia se interessa pelas implicações metempíricas que transcendem a representação para além de qualquer objecto puramente sensível. Isto revela que existe no homem um poder de penetração e reflexão particularmente excelente; mas manifesta também uma pobreza inerente à sua natureza: o ideal seria atingir o próprio objecto metempírico dum modo directo, sem precisar de representação, como ambicionou Kant. Esta prerrogativa não a possuímos. Mas seríamos mais pobres ainda se nem pudéssemos atingir esse objecto como implicado na representação.

6 — Mantendo-se a Filosofia no campo onde divergem «representação» e «significação», entramos num âmbito especificamente pessoal e, por isso, também misteriosamente subtil. As implicações metempíricas significadas pela mente podem ser tantas e tão vastas que recordem a multiplicidade indefinida de perspectivas referente a um objecto material a partir de diversos ângulos de vista. No domínio sensível, ainda se pode convidar outro observador e colocar-se no mesmo ângulo de vista; mas, na filosofia, este ângulo

implica, mais intimamente, toda a riqueza individual da pessoa concreta. Surge assim, em filosofia, a possibilidade de vários sistemas realmente diversos e realmente verdadeiros. Manifesta-se também a dificuldade duma terminologia mais universalizada e uma conseqüente lentidão no progresso da investigação. A evidência deste conhecimento depende da manifestação de necessidade da implicação do significado através do representado. A evidência pode portanto ser maior ou menor desde a evidência dos primeiros princípios, cuja negação comprometeria as próprias ciências experimentais e matemáticas, até à evidência de verdades como Deus, substancialidade do mundo, imortalidade pessoal, para salientar apenas questões tradicionais, mencionadas por Kant.

Também pode acontecer que o filósofo, distraído, julgue implicado aquilo que de facto não está, deturpe o modo de implicação, ou, cego, negue uma implicação que deveria admitir.

Surge assim em Filosofia a possibilidade do erro que, neste campo, mais pròpriamente se chamará *falsidade*. O filósofo, na sua investigação, precisa de se precaver, dum modo mais pessoal do que o físico, contra os erros, contra afirmações ou concepções falsas. Na Física, o erro é eliminado à base duma melhor observação; na matemática, o engano suprime-se por uma revisão; na filosofia, a falsidade só pode desfazer-se à base duma mais penetrante reflexão. O progresso é, neste ponto, menos evidente, mas consegue-se desde o momento que não falte ao filósofo o empenho de sinceridade que inclui inevitavelmente a ausência de preconceitos infundados, que Husserl, na fenomenologia, muito particularmente exigia.

7 — Em virtude de sua mesma natureza, o progresso de investigação filosófica é portanto mais pessoal, mais lento e menos evidente. Mas não pode ser negado. O homem tende a aperfeiçoar-se no seu poder de reflexão, tanto em profundidade como em extensão. Assim é possível descobrir novas implicações metempíricas da representação e penetrar nas já descobertas com mais profundidade. O estudo da História da Filosofia através dos séculos revela nitidamente este progresso. E vemos que ele anda também inevitável-

mente ligado ao progresso das ciências experimentais e matemáticas. Esta ligação pertence à mesma índole da Filosofia: com efeito, se ele busca a implicação metempírica dos factos, essa mesma busca tem de ser influenciada pelos novos factos que surgem com o adiantamento das outras ciências. É também pelo mesmo motivo que os factos históricos, entre os quais se inclui a revelação cristã, podem e devem mesmo influenciar o progresso da investigação filosófica em geral, conservando no entanto a Filosofia a sua autonomia e a sua própria índole metodológica.

Braga, 23 de Novembro de 1971.

*Júlio Fragata*